



PERPÉTUA

JULIANA DINIZ

A primeira sensação de Perpétua ao chegar a Manaus foi de sufocamento. Carregava uma mala pequena, quase uma trousse, repleta de panos de roupa já usados pelo uso, além de alguma maquiagem, que jamais deixou de usar apesar da pobreza. Uma ameaça de arrependimento se anunciou tão logo sentiu suas costas molhadas de suor, a respiração difícil, como se os pulmões estivessem fora da terra, em território estranho e não humano. Surpreendeu-se, pois achou que conhecia bem o calor e o mormaço. Criada no sertão, vendo o gado morrer de sede por falta d'água, a terra esturricada, engrossando a planta dos pés.

No fim da tarde do primeiro dia da sua vida nova, permitiu-se um passeio. Um zoológico vazio, não fosse a sua presença e a de alguns animais adormecidos, talvez de tédio ou pela quentura. É curioso um zoológico no meio da floresta. É como se os bichos fossem homens: olhando pela janela a vida que passa diante dos olhos. Havia um silêncio de selva, um quase silêncio: silvos, pequenos gritos compassados de arara, a respiração pesada de uma onça impassível, evitando contato visual. Tentou olhar dentro do olho da onça para entender o que é viver sem prestar conta a um dono, mas a onça não deu confiança, parecia até conformada. Perpétua escutou o ruído dos seus passos enquanto caminhava no chão de terra batida e sentiu preguiça ao ver dois macacos de barriga branca pensando sobre o nada, as pernas enraçadas.

Havia chegado há poucas horas do interior do Ceará. Pesava uma opressão causada pela umidade e pelas cores vivas que tumultuavam os seus olhos ainda habituados à terra ressequida dos Inhamuns, o tom tedioso do barro salpicado pelo verde sem viço do sertão. Seu estranhamento empestou o lugar, e as araras começaram a gritar alto. Perpétua lhes alvoroçava a calma da tarde, como se trouxesse um mau agouro de seca. Naquela tarde sentiu pela primeira vez a força oculta na floresta que, mesmo hoje, tanto tempo depois, ainda a faz sentir puxada por um fluxo poderoso para dentro de um universo em que o tempo é suspenso porque feito só de passado. A mata imensa, paisagem alta, mostrando a Perpétua como seu corpo é pequeno e insignificante. Deu-se conta que a morte pode acontecer de um susto, sem que aquele mundo farto de tanta vida note que ela deixou de existir.

Dois dias depois de sua chegada, começou a perceber a luz cor de cobre tingindo de sangue todas as coisas, uma cor dissimulada, tão diferente da claridade ofuscante do sol do Ceará. Fez falta o amarelo vivo, dourado, luz de queimar a pele, ressecar folhagem e deixar tudo à vista. Em Manaus o sol amanhece vermelho entre as copas de árvores, ensanguentando os espaços de céu que ainda se vê em meio aos galhos frondosos, uma cor como a marca de uma tragédia. Assistia ao sol nascer pela imagem vermelha refletida no igarapé.



Nunca imaginou que um dia fosse morar trepada sobre a água, ouvindo, à noite, na vigília de um sono leve, o som de peixes deslizando oleosos nas profundezas do rio infinito, mais infinito que o mar, que Perpétua jamais viu, mas sabia ser grande. Nunca entendeu porque só ela era capaz de ouvir o nado dos peixes submersos. Ela, que nascera no sertão árido, vendo o gado definhar de sede ano após ano.

É melhor não entrar na água, tem peixe de comer homem, havia lhe dito um barqueiro nos primeiros dias na palafita, ela ainda desacostumada a tanta água ao redor, ilhando a vida, diluindo as escolhas. A cada noite sonhava que a chuva forte e constante amolecia a madeira frágil das tábuas que lhe serviam de chão, por cujas frestas era possível ver o rio correndo durante o dia. No pesadelo, sua cama submergia, levada pela correnteza. Não havia tempo de gritar, só sentia o movimento viscoso de peixes que se confundiam com a água a lhe entrar pela garganta. Acordava suada pelo calor, estremecida pela solidão da cama vazia, o marido ausente, navegando através do rio a trabalho. Homem que conhecera no Ceará e que a levava para viver naquela terra prestes a afundar, sempre embarcado a trabalho, mais distante do que próximo, mais estranho que companhia.

Só sei viver dentro d'água, Perpétua, vamos embora desta terra onde dia de chuva é mais difícil que milagre de santo... E assim partiram do sertão dos Inhamuns em direção ao Amazonas.

A cada quinze dias embarcado, eram dois de descanso em casa. Chegava com sede de cama. Despia Perpétua com a violência dos bichos não enjaulados e famintos. Copulava com gosto, mordendo o pescoço dela, que gemia, em pleno gozo, indiferente aos animais deslizando na água sob o colchão. Passaram-se anos, Perpétua sem engravidar, a barriga dificultada pela ausência do marido. Nos dias mais difíceis, imaginava que os filhos que Miguel fazia no seu ventre desciam com a água da chuva para preencher ovos vazios que os peixes deixavam na folhagem presa do igarapé. Bichos insidiosos e endemoniados, comedores de promessas.

Era um dia de setembro, que amanheceu vermelho, sem sinal de chuva. Dia do barco voltar, ela preparou a comida ao agrado do marido. Miguel não apareceu, nem se teve notícia do seu paradeiro. Duas semanas se passaram sem novidade, e Perpétua intuiu o pior. Preferiu acreditar na fraqueza da carne. Podia ser perfume de mulher nova. Pediu ajuda ao vizinho, foi em busca do patrão de quem mal sabia o nome, um rastro de informação que a ajudasse a manter a esperança de encontrá-lo morto ou vivo. Quem sabe fugira com uma desconhecida descoberta em algum porto embrenhado na mata?

Não encontrou suas respostas. Recolheu-se na palafita, imaginando o filho que ainda haveria de ter com Miguel, os olhos puxados e a pele escurecida pelo sol. Iria parir um ribeirinho conhecedor dos mistérios



da água. Remoou uma espera sem data para acabar. Cortava cebola sem molhar os olhos quando o vizinho trouxe a notícia de que um corpo de homem fora achado não muito distante dali, boiando no rio. Não adiantava se apressar, o vizinho fez questão de dizer, a polícia já tinha recolhido os restos, mas só depois que o canal de tv terminou a reportagem sobre o corpo infestado de peixes, que saíam pelas suas vísceras.

– Você sabe o que é candiru, comadre? É um peixe miudinho assim. Não esqueça do que eu disse, aqui tem peixe de comer homem!

Ele a ajudou a encontrar o caminho do IML. Resignada, trêmula, Perpétua foi levada a uma sala destinada ao reconhecimento dos cadáveres. Ficou alguns minutos diante do lençol branco que cobria um corpo afogado, inchado, sem saber como manter-se de pé. Era preciso esperar o funcionário, um homem baixo, de jaleco, que puxaria o pano com um gesto seco e sem piedade, deixando cabeça e tronco descobertos. Miguel, ali, a tatuagem feia, que a desagradava desde sempre, um bicho de olhos arregalados feito uma cobra estampando o braço já carcomido pelos candirus.

Viu o estrago deixado no corpo pelos peixes minúsculos e vomitou, enojada. Por um instante achou que fosse desmaiar, sentindo as suas entranhas revirarem como se estivessem repletas dos animais minúsculos e viscosos, ainda vivos. Não encontrou dentro dela água para marejar os olhos de lágrimas. Voltou para casa com a promessa de liberação rápida do corpo para sepultamento.

Naquela noite, o sono chegou entorpecido pelo comprimido que o vizinho a entregara com as mãos cheirando a pescado, um cheiro fétido, cheiro de morte como é o cheiro de tudo que perece na mata e fica ao relento até se decompor, alimentando as raízes. Acordara de um sonho dentro de outro sonho, molhada pelo suor, sentindo a água estremecer as bases da casa, como se o rio fervilhasse. Sentiu que uma mão molhada de homem repousava sobre a sua barriga, a pele gelada. Por um instante, não teve coragem de olhar para o lado, intuindo a presença de Miguel, afogado, a pele áspera acarinhando o seu ventre infértil pelo feitiço da água. Quando, finalmente, virou o rosto, notou o corpo azul esverdeado que dormia ao seu lado, estufado pelo rio que preenchia todos os espaços vazios, apodrecendo a carne, desprendendo as unhas dos dedos e os pelos do braço. Uma enorme cabeça de peixe a fitava com o olhar aquoso e estático, as duas bolas pretas sem piscar, sem alma ou sofrimento, e uma boca aberta, em movimento, como se estivesse prestes a devorá-la inteira, levando-a para dentro do rio de sangue onde o sol que nasce é apenas o anúncio de uma nova morte.